

## A CONSTRUÇÃO DISCURIVA DO CIBERATIVISMO: DIALOGISMO, ALTERIDADE E PONTOS DE VISTA

Camila da Silva Lucena<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar a construção dialógica de campanhas virais que surgem nas redes sociais, motivadas por polêmicas que não acontecem necessariamente no meio virtual. Nos últimos anos, acompanhamos o surgimento de distintos recursos digitais que agrupam e propagam uma mensagem de modo mais instantâneo. Uma dessas ferramentas é a hashtag (#) que une vários dizeres a partir de uma “mensagem título” acompanhada por dito símbolo. Assim, tomando como foco discursos que acompanham uma *hashtag*, analisamos especificamente a campanha viral *#meuprimeiroassédio* que aconteceu em 2015, após uma menina de 12 anos, participante de um *reality show* de culinária, ser vítima de comentários com insinuações sexuais por partes de homens, muitas vezes de idade avançada. Com isso, os dizeres acompanhados por essa hashtag traziam situações de assédio ou comentário machistas, às vezes carregados de ironia, (re)acentuando o dizer para chamar atenção para o problema. Assim, por critérios metodológicos, iniciamos a problematização trazendo uma breve discussão sobre o espaço virtual com Levy (1999). Em seguida, discutimos as noções de alteridade e dialogismo, relações que atravessam os dizeres da hashtag *#meuprimeiroassédio*, a partir da teoria dialógica bakhtiniana para, por fim, considerar a questão da (re)acentuação dos discursos a partir da noção de ponto de vista trabalhada em Cunha (2001, 2012).

**PALAVRAS-CHAVE:** Hashtag; teoria dialógica; espaço virtual;

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo analizar la construcción dialógica de campañas virales que aparecen en las redes sociales, motivadas por controversias que no necesariamente suceden en el entorno virtual. En los últimos años, hemos visto el aumento de recursos digitales distintos que agrupan y propagan un mensaje de manera más instantánea. Una de estas herramientas es el *hashtag* (#) que une varias palabras a través de un "*mensaje título*" acompañado por ese símbolo. Entonces, enfocándonos en los discursos que acompañan a un *hashtag*, observamos específicamente el *#meuprimeiroassédio* que tuvo lugar en 2015, después de que una niña de 12 años, participante de un *reality show* culinario, fuera víctima de comentarios con insinuaciones sexuales de hombres, muchas veces de edad avanzada. Por lo tanto, las palabras acompañadas por este *hashtag* trajeron situaciones de acoso o comentario machista, a veces cargadas de ironía, (re) acentuando los discursos para llamar la atención para el problema. Así, por criterios metodológicos, comenzamos la problematización trayendo una breve discusión sobre el espacio virtual con Levy (1999). Luego, discutimos las nociones de alteridad y dialogismo, relaciones que cruzan las palabras del *hashtag* *#meuprimeiroassédio*, desde la teoría dialógica de Bakhtin, para finalmente considerar la cuestión de la (re)acentuación de los discursos con la noción del punto de vista trabajada en Cunha (2001, 2012).

**PALABRAS-CLAVE:** Hashtag; teoría dialógica; espacio virtual;

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Área de atuação: Análise do Discurso. Contato: camila.lucena@live.com.

## 1. Introdução

Devido à influência e às mudanças causadas pelo espaço virtual na sociedade, não é de se estranhar que este ambiente tenha se tornado objeto de análise de diferentes áreas, inclusive, para a análise/teoria dialógica da linguagem que trabalha com distintas manifestações dialógicas nas mais diversas materialidades. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo tecer algumas reflexões sobre o modo como são construídas campanhas populares em redes sociais que pretendem combater o machismo e a violência contra as mulheres. Mais especificamente voltaremos nosso olhar para um movimento criado nas redes sociais a partir da hashtag *#meuamigosecreto*, onde as mulheres denunciavam preconceitos e formas de machismo velado.

Não conseguimos recuperar a origem exata do início desse movimento, mas sabemos que ele surgiu semanas depois de outro, cuja hashtag foi *#meuprimeiroassédio*. Esse primeiro movimento foi iniciado após a estreia de um *reality show* que tinha como participantes crianças, e uma delas, uma menina, foi alvo de comentários com conteúdo sexual e abusivo nas redes sociais. Diante disso, um perfil do twitter destinado a discutir questões feministas, o @ThinkOlga, convocou os seguidores a usarem a hashtag *#meuprimeiroassédio* para compartilhar casos semelhantes de primeiro assédio/assédio e incentivar a denúncia.

Com isso, partiremos da análise/teoria dialógica da linguagem para pensar como a (re)acentuação dos discursos machistas constroem sentidos a favor de causas feministas. Mobilizaremos, portanto, as noções de dialogismo e alteridade para compreender como é construído discursivamente esse movimento popular na internet, chamado por nós de ciberativismo, como também discutiremos a noção de ponto de vista, pois entendemos que cada hashtag do *#meuamigosecreto* traz posicionamentos diferentes e nos mostra distintas facetas do machismo.

## 2. O espaço virtual e o ciberativismo

No início do boom das redes sociais, as discussões ou polêmicas que ganhavam espaço no meio virtual, geralmente surgiam primeiro no espaço urbano e eram deslocadas para esse ambiente. Há duas décadas, como aponta Lévy (1999, p. 49), “o ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos [...]”. Ou seja, quase não há uma limitação para que ocorra a comunicação e a interação entre os indivíduos envolvidos, independente da localização. Como também não é necessário que um evento ocorra no espaço urbano para então se virtualizar e passar a existir no espaço virtual, uma vez que tais eventos podem acontecer primeiramente nesse espaço para aí serem sentidos no espaço urbano. Ainda segundo o autor, portanto, vivemos numa “virtualização geral da economia e da sociedade” (LÉVY, 1999, p. 47).

Na internet e nas redes sociais encontramos distintas vozes, que se aproximam e se afastam, produzindo sentidos diversos. É no espaço virtual que grupos, que não tinham liberdade no espaço urbano para falar, encontram um meio onde possam ser ouvidos. Diante disso, identificamos a produtividade de ativismos virtuais, os quais chamaremos de ciberativismo, que através desse espaço promovem uma circulação e uma divulgação de sentidos em grande escala, com uma repercussão que não seria possível se acontecesse apenas no espaço urbano. Segundo Moraes (2000), isso é possível devido às particularidades do ciberespaço de permitir “a capacidade de disponibilizar, em qualquer

espaço-tempo, variadas atividades, formas e expressões da vida” (MORAES, 2000, p. 142).

Porém, embora sejam eventos cuja iniciativa se dá pelo virtual, o objetivo é de causar mudanças significativas na sociedade. Portanto, é um movimento do virtual para o espaço urbano. Segundo Garcia e Souza (2014, p. 86 -87):

Ao militar por meio da rede, sentidos são produzidos no ciberespaço, porém, com o objetivo de atingir o espaço público, o espaço urbano, cidadão. Embora a sociedade em rede passe boa parte de seu tempo conectada ao ciberespaço, as ações esperadas são para serem sentidas no espaço urbano. [...] O ciberespaço permite a militância, permite a discussão de temas que afetam o funcionamento do espaço urbano.

Dessa forma, a construção discursiva do ciberativismo se dá de várias formas. Às vezes, com estratégias e recursos muito bem pensados para chamar a atenção do outro e convocá-lo para sua causa; outras vezes, no entanto, começam de modo espontâneo, sem grandes propósitos, mas acabam ganhando adesão devido a uma grande aceitação na internet, tornando-se um viral. Recentemente identificamos um recurso próprio das redes sociais, a hashtag (#), como mais um elemento usado pela militância virtual.

Para este trabalho, partiremos, exclusivamente, de algumas reflexões acerca do movimento iniciado com a *hashtag* #meuamigosecreto. Como já adiantamos, não sabemos a origem desse movimento, porém ele obteve grande participação dos usuários do twitter e facebook. Tratou-se de expor formas de machismo velado e preconceitos em sua maioria com relação às mulheres. Para tanto, os usuários utilizaram a dinâmica do amigo secreto e relataram dizeres machistas de supostos “amigos”, mostrando as incoerências em seus discursos.

Dessa forma, entendemos que a construção discursiva desse movimento é constitutivamente dialógica, uma vez que cada publicação com a hashtag #meuamigosecreto representa um diálogo de distintas vozes sociais que estão em constante tensão. Em cada enunciado acompanhado dessa hashtag, portanto, encontramos distintos pontos de vistas que (re)acentuam o discurso machista de formas diferentes, indicando, como Bakhtin (2015) definiu que cada discurso tem seu autor que apresenta uma posição axiológica com relação a uma realidade comum.

### 3. Sobre alteridade e dialogismo

Ao considerar a língua enquanto fenômeno social, Bakhtin (1981) reivindica a fala, na figura da enunciação, como o verdadeiro núcleo da realidade linguística. Segundo o autor, a enunciação tem caráter ininterrupto e não imutável. É o que pode, devido às condições sociais e à interação, dar novo valor ao signo. Sendo assim, a forma linguística é sempre mutável, uma vez que:

A entonação expressiva, a modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciação, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação social determinada, afetam a significação. O valor novo do signo, relativamente a um "tema" sempre novo, é a única realidade para locutor-ouvinte. Só a dialética pode resolver a contradição aparente entre a unicidade e a pluralidade da significação. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1981, p. 10)

Desse modo, Bakhtin vai propor uma disciplina que estude a linguagem de forma ampla, contudo, sem excluir, segundo ele, as formalizações próprias da linguística. Essa disciplina se dedicaria ao estudo da “língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (BAKHTIN, 2015, p. 207). Seria, então, essa disciplina a metalinguística, dado que estudaria o discurso em distintos aspectos, indo bem além dos limites da linguística, mas não a ignorando, pois:

a linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas o estudam sob diferentes aspectos e sob diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não se fundir. Na prática, os limites entre elas são violadas com muita frequência. (BAKHTIN, 2015, 207)

Não entraremos no mérito de discutir se a fusão dessas disciplinas é algo que deva ser realmente evitado. Centramo-nos no fato de que, a partir do exposto até aqui, podemos notar que Bakhtin convoca o social, como também o histórico, como elementos essenciais para o estudo da linguagem. Defende ainda que a língua é constituída “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1981, p. 92). Assim, é na relação com o outro que os sentidos são produzidos e materializados nos enunciados.

Essa relação com o outro é chamada de diálogo, por Bakhtin e pelo círculo, e este termo deve ser entendido em sentido amplo. Devemos pensar além do diálogo face a face e considerar as distintas formas que o discurso do outro constitui parte do sujeito. Assim, a partir de Faraco (2009, p. 69), entendemos que “o diálogo ‘deve’ ser entendido como um vasto espaço de luta entre as vozes sociais” e que “qualquer enunciado é uma unidade contraditória intensa” (idem). De acordo com Bakhtin:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 2002, p. 23)

Segundo Pires (2002, p. 42), o princípio dialógico funda a alteridade como constituinte do sujeito. Sendo assim, temos que pensar o sujeito na relação com outros sujeitos, pois, é a partir da relação de alteridade com o outro que o indivíduo se constitui sujeito de fato, já que “a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro” (BAKHTIN, 1997, p. 313). Dessa forma, o indivíduo não é a origem do dizer, pois, segundo Bakhtin, só o Adão mítico poderia evitar vozes de outros no seu dizer (BAKHTIN, 2002, p. 202). Segundo Faraco:

O eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano

da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos. (FARACO, 2009, p. 21)

Portando, o sujeito dialógico é social, se constitui pela alteridade e é um ser de consciência, isto é, responsável por seus pensamentos e desejos portando-se, assim, como um fenômeno sócio ideológico (FARACO, 2009). Ideologia, aqui, não é considerada como na perspectiva materialista, mas é entendida como tomada pelo caráter axiológico, que está relacionado a um conjunto de ideias ligado a valores. Sendo assim, os indivíduos no diálogo discutem/confrontam-se com os valores dos outros.

Faraco (2009, p. 84) atenta para o fato de que nesse processo de construção do sujeito, as vozes podem constituir o sujeito de maneiras diferentes: como vozes de autoridade e como vozes internamente persuasivas. A palavra de autoridade interpela o sujeito de uma forma que o induz a aceitar o que se fala de forma incondicional. Essa palavra é compacta, impermeável e interdita, ou pelo menos tenta, outras vozes. Já a palavra internamente persuasiva é permeável permitindo assim outras vozes e mudanças.

O embate e as inter-relações dialógicas dessas duas categorias do discurso (em seus diferentes tipos e graus) são determinantes da história da consciência ideológica individual. Quanto mais as vozes forem funcionalmente de autoridade para o sujeito, mais monológica (ptolomaica) será sua consciência; quanto mais internamente persuasivas as vozes, mais galileana será sua consciência. (FARACO, 2009, p. 85)

Dessa forma, entendemos que o sujeito interage com um mundo de vozes e com elas estabelece relações dialógicas de aceitação, divergência, etc., sem que perceba, muitas vezes, a relação de alteridade existente nesse processo que formará sua identidade (FARACO, 2009). Portanto, sujeito em Bakhtin não existe sem pensar sua relação com outro, uma vez que o “eu só pode se realizar no discurso apoiando-se em nós” (BAKHTIN apud PIRES, 2002, p. 41).

#### 4. Sobre a noção de Ponto de vista

Discutimos até aqui um pouco da perspectiva do diálogo em Bakhtin, bem como fizemos algumas reflexões sobre a constituição do sujeito pela alteridade. Pensando propriamente agora na produção discursiva do sujeito, abordaremos a noção de ponto de vista. Na análise/teoria dialógica da linguagem, entendemos que os discursos são pontos de vista sobre o mundo. Como consequência, temos enunciados axiológicos e semânticos que têm como característica a heterogeneidade e a não neutralidade da palavra (BAKHTIN, 2002). A palavra que o sujeito toma para construir seu enunciado não pertence a ele e nem a ninguém, já que para cada construção e para cada sujeito há um conjunto de vozes de outros. Desse modo, qualquer indivíduo adiciona valores às palavras e, como resultado, elas estão “povoadas de intenções” (BAKHTIN, 2002, p. 37).

Identificar o discurso do outro no interior de um enunciado é um trabalho minucioso. Para Bakhtin (1997), só analisando as fronteiras de um enunciado podemos identificar a alternância dos sujeitos, já que nossa fala em contraste com as palavras dos outros provoca uma (re)acentuação do enunciado, que pode ser perceptível a um olhar cuidadoso.



As fronteiras que essa alternância edifica são nesse caso tênues e específicas: a expressão do locutor se infiltra através dessas fronteiras e se difunde no discurso do outro que poderá ser transmitido num tom irônico, indignado, simpático, admirativo (essa expressão é transmitida por uma entonação expressiva, e no discurso escrito nós a adivinhamos e a percebemos graças ao contexto que envolve o discurso do outro, ou graças à situação transverbal que sugere a expressão apropriada). Desse modo, o discurso do outro possui uma expressão dupla: a sua própria, ou seja, a do outro, e a do enunciado que o acolhe. (BAKHTIN, 1997, p. 178)

Essa (re)acentuação pode estar relacionada aos pontos de vistas, tal como Cunha (2012, 2011) analisa em seus trabalhos. A autora, com a ajuda de outros estudiosos, teoriza acerca dessa noção rastreando outras discussões sobre o mesmo conceito. Para Cunha (2012), a noção de ponto de vista está relacionada à questão da posição axiológica, pois se dá no plano dos valores. Segundo Francois (*apud* CUNHA, 2011, p. 127), “a noção de ponto de vista significa que há uma realidade comum e diferentes maneiras de apresentá-la”. O mesmo autor vai dizer que é difícil identificar um ponto de vista, uma vez que ele sempre vai estar em confronto com outros. Contudo, embora difícil, é possível identificar os pontos de vistas percebendo a (re)acentuação do enunciado do outro, como veremos mais à frente na análise.

Segundo Grize (*apud* CUNHA, 2012), os pontos de vista são situados na história e na cultura, também são axiológicos e têm como finalidade construir uma argumentação com o outro. Ainda de acordo com o autor, através dos pontos de vista, o sujeito constrói argumentos objetivando a criação de pró-discursos, se utilizando dos valores axiológicos para tal fim. Nesse sentido, estamos de acordo com Cunha quando define que o ponto de vista é:

Dinâmico e contingente, comporta movimentos e modificações, pode ser objeto de reavaliações, reacentuações, pode ser corrigido por outro em razão do lugar, do que se considera, ser compatível com um outro ou impedir de se ter um outro. (CUNHA, 2012, p. 27)

Partiremos agora para uma amostra do que seria uma possível análise da construção discursiva do ciberativismo, considerando as questões discutidas nesse trabalho.

## 5. Análise

Para a análise, fizemos a seleção de alguns enunciados que acompanharam a hashtag #meuamigosecreto, campanha que teve grande participação dos usuários e repercutiu nas redes sociais por alguns dias. Devido a uma questão metodológica, optamos por selecionar as hashtags mais significativas apenas do primeiro dia que surgiu o movimento, dia 24/11/2015, visto que se mostraram as mais significativas no sentido de seguir realmente o objetivo de expor discursos que tenham marcas de machismos e preconceitos velados. Vejamos o primeiro grupo:

*O #meuamigosecreto não deixa o namorado da filha dormir em casa pq a casa dele não é motel, mas o filho pode trazer quem ele quiser.  
#meuamigosecreto diz q homem pode engordar e ficar desleixado, mas mulher tem uma grande responsabilidade com sua aparência.*

*#meuamigosecreto vê alguém dirigindo mal na rua e já dispara "garanto que é mulher".*

*#meuamigosecreto diz que não é machista mas classifica as mulheres como "pra casar" e "pra comer"*

*#meuamigosecreto disse que eu não deveria lutar capoeira é sim limpar a poeira*

*me senti um lixo*

*me humilhou*

*#meuamigosecreto Meu amigo secreto falta com o respeito comigo, mas pede desculpas é para o meu namorado.*

*#meuamigosecreto acha q meninos e meninas devem ser criados de jeitos diferentes, onde o menino é livre, e a menina recebe altas restrições.*

Encontramos nos enunciados acima discursos machistas nos dizeres de quem se diz ser não-machista ou contra o preconceito, mas, ao analisar, identificamos incoerências que mostram o quão contraditórios são. Pudemos observar a estratégia dos usuários de expor os discursos machistas ao repetir tais enunciados, mas nessa repetição entendemos que há uma (re)acentuação dos sentidos, uma vez que percebemos, como aponta Bakhtin (1997), uma expressão dupla: a do outro e a do indivíduo que acolhe o enunciado.

A (re)acentuação se dá através do tom altamente irônico que acompanha os enunciados com a hashtag #meuamigosecreto, que indica que naqueles enunciados há uma tensão entre distintas vozes sociais. Além do diálogo existente em um mesmo enunciado, no qual observamos o funcionamento de dois pontos de vistas, é interessante observar que entre os vários enunciados acompanhados por essa hashtag também encontramos distintos pontos de vista sobre o que cada indivíduo entende do machismo. Vejamos outro grupo a seguir:

*#meuamigosecreto é contra violência doméstica mas acha que tem mulher que gosta/merece/pediu pra apanhar.*

*#Meuamigosecreto acha que sou obrigada limpar a casa e ele pode ficar revezando entre estar deitado na cama ou no sofá.*

*#meuamigosecreto diz q mulher boa eh mulher bem resolvida mas tem q saber cuidar da casa.*

*#meuamigosecreto acha que cantadas, assovios no meio da rua e olhares gulosos são elogios e não assédios.*

*#meuamigosecreto se a mulher engravidar é uma consequência de total responsabilidade dela, pois afinal quem toma o anticoncepcional é ela.*

Nesses enunciados observamos as vozes sociais que os constroem. Conseguimos identificar, por exemplo, aqueles discursos que culpam a mulher pela violência recebida porque “tem mulher que gosta/merece/pediu pra apanhar”, ainda que supostamente seja “contra a violência doméstica”. Como também conseguimos encontrar vozes que reforçam discursos que afirmam que é dever da mulher cuidar dos afazeres doméstico, enquanto o homem “pode ficar revezando entre estar deitado na cama ou no sofá”, porque, ainda que bem resolvida, a mulher “tem q saber cuidar da casa”. E ainda aqueles dizeres que dão às mulheres a responsabilidade total das consequências de um relacionamento, já que, por exemplo, “se a mulher engravidar é uma consequência de total responsabilidade, pois afinal quem toma anticoncepcional é ela”.

As vozes sociais estão intrincadas de forma sutil, mas com a análise conseguimos apreender os distintos pontos de vistas. Estes podem ser percebidos pelo tom irônico e também pelo uso de alguns recursos linguísticos como as construções adversativas que, além de marcarem a contradição em um enunciado determinado, indicam, nesses casos das hashtags, a presença de outra voz contrária à voz anterior.

Então, ao tomar o enunciado do outro e (re)acentuá-lo, entendemos que valores são confrontados, com a finalidade de construir uma argumentação e provocar pró-discursos (GRIZE, 2012) que sejam a favor das mulheres e expondo o quão machista podem ser alguns dizeres comuns da sociedade. Podemos classificar a palavra desses enunciados como internamente persuasiva, uma vez que entendemos que se realiza como permeável, permitindo a entrada de outras vozes e visando uma mudança no espaço urbano a partir do espaço virtual.

## 6. Considerações finais

Com este trabalho, tivemos como objetivo fazer algumas reflexões sobre os conceitos de dialogismo, alteridade e pontos de vista a partir da análise da construção discursiva do ciberativismo, isto, de ativismos virtuais populares que surgem primeiramente no espaço virtual. Entendemos que o sujeito se constitui pela alteridade e que o diálogo é uma luta de vozes sociais em um enunciado, onde podemos encontrar distintos pontos de vista que são formas diferentes de enxergar uma mesma realidade.

Chegamos à conclusão de que, através dos enunciados acompanhados das hashtags #meuamigosecreto, existem distintos pontos de vista que estão em diálogo em um mesmo enunciado ou entre os vários enunciados que formaram a campanha virtual contra o machismo velado e o preconceito contra as mulheres. Esses enunciados são construídos pela palavra internamente persuasiva, uma vez que tinham como objetivo a criação de pró-discursos em favor das mulheres. Outra característica estrutural desses enunciados é que o funcionamento discursivo se deu também a partir do tom irônico e de recursos linguísticos como as construções adversativas, elementos através dos quais se tornou possível a identificação do diálogo tenso entre vozes e dos pontos de vista.

## Referências

- BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BETH, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014.
- GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. E. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. In: **Conexão Letras**. Vol. 9, nº 11. Porto Alegre, 2014.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- CUNHA, D. A. C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. In: **Investigações: Linguística e Teoria literária**, v, 25, nº 2, p. 21-41, 2012. Disponível em: <



<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/338/0>> Acesso em: 15 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. In: **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n° 5, p. 116-132, 1° semestre 2011. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/518>> Acesso em: 15 de dez. de 2015.

FARACO, C. A. F. **Linguagem e Diálogo**. As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MORAES, D. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticas na internet. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Vol XXIII, n° 2, jul-dez, 2000. Disponível em:

<<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/1607216073-1-PB.pdf>>

Acesso em: 15 de dez. 2015.

PIRES, V. L. **Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin**. v. 16, n. 32-33, 2002. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29782>> Acesso em: 15 de dez. 2015.

PUCCI, R. Questões de alteridade identidade. In: **Revista Impulso**, Vol. 21, No 51, 2011. Disponível e